

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO SINDICAL A PARTIR DE UM BELO DOCUMENTÁRIO

Thomaz Ferreira Jensen¹

“A cabeça pensa onde os pés pisam – Frei Betto e a Educação Popular”², filme da jornalista Evanize Sidow e do historiador Américo Freire, lançado em 2024, apresenta em pouco mais de uma hora, elementos centrais para a reflexão e a ação sindical que se busca desafiada a reconstruir processos formativos e de conscientização coerentes com o enfrentamento à opressão do sistema capitalista e à necessária radicalização democrática, na política e nas próprias estruturas organizativas sindicais.

Documentário de estreia de Evanize e Américo, o filme compõe uma memória da Educação Popular no Brasil desde a década de 1970, entrelaçada com a trajetória de Frei Betto, que completou 80 anos de vida em agosto de 2024. Essa acertada opção de roteiro inspira-se numa das maiores qualidades da obra literária de Frei Betto, em sua vertente ensaística, em que a memória da experiência vivida pelo autor é a base para reflexões agudas sobre o contexto histórico da época³.

Em seus quase 80 livros já publicados, é na historiografia mesclada de memória e testemunho que encontramos em Frei Betto um autor singular, dos mais importantes para a literatura latino-americana. Basta citar *Batismo de Sangue – os dominicanos e a morte de Carlos Marighella* (publicado originalmente em 1982, com edição revista em ampliada lançada em 2006), *O paraíso perdido – viagens ao mundo socialista* (publicado originalmente em 1993, com edição revista e atualizada em 2015) e *A mosca azul: reflexão sobre o poder* (2006) para ilustrar como Frei Betto é um dos grandes autores na vertente do ensaio memorialístico latino-americano.

Seja no registro histórico sobre a resistência à ditadura no Brasil (1964-1985), seja nos relatos de viagem aos países que viveram experiências de socialismo, a partir da União Soviética, ou refletindo sobre sua passagem como assessor especial para a mobilização social no âmbito das políticas de com-

1 Thomaz Ferreira Jensen, economista, graduado pela Faculdade de Economia da USP (Universidade de São Paulo). Trabalha como assessor técnico no DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) desde julho de 2007.

2 O filme está disponível para ser assistido no seguinte endereço: https://youtu.be/hCF4_iNemR4 (acessado em 31 de janeiro de 2025).

3 Essa reflexão sobre a obra literária de Frei Betto retoma pontos desenvolvidos em análise anterior, escrita em parceria com a professora Adélia Bezerra de Meneses, e que pode ser acessada em: <https://luzeirodebate.wordpress.com/2006/03/08/a-mosca-azul-na-obra-de-frei-betto/> (acessado em 31 de janeiro de 2025).

bate à fome, nos dois primeiros anos do primeiro mandato de Lula, Frei Betto consegue aliar essa intensa atividade de intelectual que tem a palavra como matéria-prima, a uma *práxis* revolucionária e libertadora, como militante político, conferencista e assessor de movimentos populares.

É efetivamente na sua produção de ensaísta que Frei Betto se revela em sua plena medida, e onde exerce um papel fundamental, na confluência de “pensamento e militância” articulados. Seus livros de ensaio militante constituem no Brasil algo insubstituível – não de um espectador crítico, mas de um agente histórico, muitas vezes protagonista. Frei Betto é, para usarmos um termo de Gramsci, um intelectual orgânico e visceralmente ligado às questões do nosso tempo, do Brasil, da América Latina e do mundo.

Como escritor, Frei Betto encarna um exemplo vivo da função da palavra de “organizar a experiência” – uma função libertadora. Pois uma das funções da literatura é essa: transformar em palavra as experiências, vivências, emoções, percepções confusas. Essa possibilidade de verbalizar, de nomear situações existenciais que de outra maneira ficariam inarticuladas, tem uma eficácia ordenadora – no nível das ideias, mas também no das emoções, contribuindo para a nossa compreensão do mundo e de nós próprios – e impulsionando para a ação. Assim, se o conjunto de sua obra traça a biografia de uma geração, sua caminhada como educador popular é essencial para reconstruirmos a trajetória do que de mais relevante o movimento social e sindical desenvolveu no campo da formação política e da conscientização desde a segunda metade da década de 1970.

Evanize e Américo já haviam escrito uma primorosa biografia de Frei Betto, prefaciada por Fidel Castro⁴. A profundidade com que conheceram a trajetória de vida do biografado, a partir de mais de uma centena de entrevistas, além de consultas a diversos arquivos, certamente contribuiu para que o documentário conseguisse ser essa síntese da longa trajetória de meio século de Frei Betto como educador popular, o que também se reflete na precisa montagem do documentário, a cargo de Joana Collier e Carolina Rodrigues. Destaque também para a bela trilha sonora original de Flavia Tygel, notadamente a música que acompanha a abertura do documentário.

Simbólico que a primeira cena do filme seja uma atividade de formação coordenada por Frei Betto nos jardins da Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema, interior de São Paulo, inaugurada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em janeiro de 2005 e que se constituiu num centro de formação para militantes de variados movimentos sociais de todo o mundo. Na Escola, arte, cultura e mística, são dimensões formativas centrais, tanto quanto a leitura e reflexão a partir dos clássicos do marxismo. Construída por brigadas de militantes do MST, outro princípio formativo central da escola é o trabalho e a divisão de tarefas, porque todos os educandos são responsá-

4 *Frei Betto: biografia* [Prefácio de Fidel Castro] Américo Freire e Evanize Sidow. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

veis pela manutenção dos espaços físicos, organização da cozinha e arrumação geral da Escola.

Nesta atividade que abre o documentário, Frei Betto utiliza uma das tantas técnicas para trabalhos em grupo que foi desenvolvendo e sistematizando em sua caminhada como educador popular. No caso, trata-se do chamado “diálogo rotativo”, cujo objetivo é fazer com que todos os participantes da atividade tenham momento de fala e de escuta, aprofundando suas respostas às questões propostas pelo educador à medida em que os participantes vão se deslocando para o lado e mudando de interlocutor quando indicado pelo educador.

Frei Betto inicia sua militância em 1959, quando ingressa na Juventude Estudantil Católica (JEC). Em 1962 se muda de Belo Horizonte, sua cidade natal, para o Rio de Janeiro, para compor a equipe nacional de direção da JEC e ali toma contato com dirigentes da Juventude Universitária Católica (JUC) e do Movimento de Educação de Base (MEB), que primeiro utilizou em processos formativos de âmbito nacional o então chamado método Paulo Freire de alfabetização. Como vai acontecer ao longo de toda sua trajetória como educador, Frei Betto passa a integrar coletivos de militantes, que elaboraram em conjunto suas estratégias e métodos de atuação junto ao povo, sejam inicialmente os estudantes secundaristas e universitários, sejam, anos mais tarde, os membros das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e de movimentos sindicais e populares.

O documentário mostra diferentes materiais e subsídios elaborados pelo MEB e por outros coletivos de Educação Popular que Frei Betto integrou, e que eram utilizados nos processos formativos desenvolvidos naqueles anos. Trata-se de um rico acervo que ainda pode inspirar a elaboração de materiais gráficos para trabalhos de base com o povo, não somente em atividades formativas presenciais, mas também para as redes digitais, em que imagens e desenhos, associadas a textos objetivos, são relevantes.

A Educação Popular não é apenas uma forma de inovar o processo ensino-aprendizado, mas expressa uma concepção ideológica de ser humano e de mundo. Ela antecede a educação escolarizada, pois se refere às trocas de saberes que circulam no cotidiano de organizações sociais e sindicatos, não estruturadas a partir da divisão social do conhecimento. A Educação Popular também pode ser definida a partir dos movimentos políticos com caráter educativo presentes no Brasil e na América Latina desde a década de 1960. Uma educação que se reivindica política, humanizadora e construtora de um projeto novo de Nação⁵.

Os debates sobre concepção de educação no sindicalismo brasileiro ganham relevância já no final da década de 1960, num contexto marcado por

⁵ Para uma preciosa introdução à Educação Popular, recomendamos o diálogo entre Paulo Freire e Frei Betto com o repórter Ricardo Kotscho, realizado em outubro de 1984: *Essa escola chamada vida*. [Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho]. São Paulo: Editora Ática, 1985.

crescente discussão sobre a educação no Brasil e na América Latina, a partir de reflexões sobre a *práxis* educativa e sua relação com os dilemas da construção da Nação no capitalismo dependente, ou seja, as conexões fundamentais entre subdesenvolvimento e dependência.

A metodologia que animou a formação sindical no Brasil até o início dos anos 1990 teve como principais referências as práticas educativas de alfabetização de adultos, com Paulo Freire; a educação popular vivenciada na América Latina e sistematizada por Oscar Jara; o método “ver-julgar-agir”, das CEB’s; a concepção das escolas livres do Anarquismo e do Psicodrama, com Jacob Levi Moreno. Curiosamente, Frei Betto conta no documentário que sua experiência como assistente do diretor José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina, na histórica montagem de *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, em 1967, o ajudou a aprimorar o trabalho com o método Paulo Freire.

Frei Betto foi preso pela ditadura em novembro de 1969, poucos dias após o assassinato de Marighella pela repressão. Ficou encarcerado até outubro de 1973, sendo que por dois anos esteve no presídio de Presidente Venceslau, no extremo oeste paulista, ao lado de presos comuns. Ali, junto com seus colegas de ordem religiosa também presos, desenvolveram cursos supletivos e de alfabetização, de teatro e de estudo bíblico.

Entre fevereiro de 1974 e fins de 1978, Frei Betto morou no morro da Ilha de Santa Maria, em Vitória, capital do Espírito Santo, num barraco que construiu em companhia de Luís Fabiano de Miranda, também mineiro, antigo militante da Ação Popular, com formação em arquitetura e exímio desenhista, que seria o ilustrador das cartilhas utilizadas nos círculos bíblicos e processos formativos com as comunidades de base.

No documentário, esses anos em Vitória ganham merecido destaque, através de fotos raras e depoimentos de militantes que atuaram com Frei Betto nas lutas populares e na Cáritas, como Vitor Buaiz, médico e que seria prefeito de Vitória (1989-1993) e governador do Espírito Santo (1995-1999), Dante Pola, sindicalista e engenheiro eletricista, Cláudio Vereza, que cumpriria seis mandatos como deputado estadual no Espírito Santo, e Terezinha Cogo, pedagoga e educadora popular.

As CEB’s estavam em expansão em Vitória desde a década de 1960, com apoio entusiasmado do bispo dom João Batista Mota e Albuquerque e, especialmente, de seu bispo auxiliar dom Luís Fernandes. Por isso, na capital capixaba foi realizado o que viria a ser o primeiro encontro intereclesial das CEB’s, em janeiro de 1975, que teve Frei Betto como organizador e assessor. Ele ainda organizaria outro intereclesial realizado em Vitória, em 1976, e os dois seguintes, em João Pessoa, Paraíba, em 1978, e em Itapicaci, São Paulo, em 1981, quando as CEB’s já haviam adquirido amplitude e força nacional, a ponto de serem essenciais para a sustentação das greves no ABC paulista e a criação do Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980.

A Teologia da Libertação desenvolveu-se como reflexão teológica a partir da participação de religiosos e leigos nas CEB's e as leituras coletivas que faziam da Bíblia e da realidade em que viviam. É uma teologia que surge na América Latina a partir da década de 1960, interpretando a pobreza e a exclusão social, a partir do pensamento crítico latino-americano e de Marx e autores marxistas, como decorrentes de estruturas econômicas e sociais injustas que, à luz da fé cristã, deveriam ser transformadas de forma radical. A pobreza é denunciada como pecado social e o pobre é visto como sujeito de sua própria libertação.

Nas palavras de Fidel Castro, em sua histórica entrevista a Frei Betto, de maio de 1985: "Eu poderia definir a Igreja da libertação ou a Teologia da Libertação como um reencontro do cristianismo com as suas raízes, com a sua história mais bonita, mais atrativa, mais heroica e mais gloriosa, e de maneira tão importante que obriga toda a esquerda da América Latina a considerar este um dos acontecimentos mais fundamentais de nossa época"⁶.

A metodologia de Paulo Freire, assim como a da Teologia da Libertação, deve muito ao método da Ação Católica de análise da realidade, o famoso "Ver-Julgar-Agir". Assim como a Pedagogia do Oprimido propõe o diálogo entre educandos e educadores a partir da visão de mundo dos primeiros, a Teologia da Libertação é um momento segundo, de reflexão teológica a partir da leitura que o povo faz da Bíblia e de sua realidade.

Partir da realidade concreta – visão de mundo do povo – é um pressuposto ético da Educação Popular e da Teologia da Libertação, pois que se configura num compromisso de escutar e valorizar a voz daqueles que historicamente foram silenciados⁷.

Assim, os momentos de construção do diálogo na Pedagogia do Oprimido encontram paralelo com o método de organização das comunidades de base animadas pela espiritualidade libertadora. O "Ver", em um círculo bíblico, corresponde ao "Estudo da Realidade"; o "Julgar" é semelhante ao "Aprofundamento Teórico"; e o "Agir" é o momento correspondente à "Aplicação do Conhecimento" em um círculo de cultura. Os três momentos, seja num círculo bíblico de uma comunidade de base, seja num círculo de cultura organizado pela Educação Popular freireana, são os momentos da *práxis* libertadora: ação-reflexão-ação.

Os anos em Vitória ajudaram Frei Betto a se reconectar com a realidade concreta do povo, a partir dos trabalhos de base na capital capixaba. Ali, desenvolveram cartilhas, técnicas de formação política, análises a partir das no-

6 *Fidel e a religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Editora Fontanar, 2016. A primeira edição no Brasil é de outubro de 1985, pela editora Brasiliense.

7 Leonardo Boff, teólogo e grande amigo, interlocutor e companheiro de mística e militância de Frei Betto, assim escreveu: "A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiências tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação". *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 9.

tícias veiculadas em TV, rádio e jornal, em processos de Educação Popular que assumiam a intencionalidade da mobilização para a reivindicação de direitos e conquistas imediatas, como melhorias na saúde, educação e moradia.

Num discurso em meados dos anos 1980, recuperado pelo documentário, Frei Betto sinaliza a importância da vinculação afetiva dos militantes com os movimentos criados pelo povo, como o MST e os sindicatos, o que exige trabalho de base cotidiano e paciente, além de registrar a necessidade destes movimentos refletirem a realidade brasileira: “não podemos criar movimentos perucas de modelos políticos. Temos que criar algo que, como o cabelo, vem de baixo para cima, algo que tenha raiz na alma e na cabeça do povo brasileiro”.

Frei Betto passa a morar em São Paulo em 1979, quando o movimento sindical estava no centro da luta contra a ditadura com sua ação grevista, e começa a assessorar a Pastoral Operária no ABC paulista, o que faria até 2002. Ainda morando em Vitória, passou a integrar, em 1977, a equipe do Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae (CEPIS), com os educadores populares Celeste Fon, Pedro Pontual, Paulo Vannuchi, Paulo Maldos, Paulo de Tarso Venceslau, Rubens Paolucci entre outros.

Com o som de um apito de fábrica, o documentário registra essa mudança para a realidade paulista, mais especificamente da região industrial do ABC, evidenciando o mundo do trabalho construído por anos de *fordismo* no capitalismo dependente: as grandes plantas industriais, notadamente as montadoras estrangeiras de automóveis, caminhões e ônibus, com milhares de operários, que construíam suas moradias próximas do local de trabalho, ao mesmo tempo em que havia expansão acelerada de favelas nas periferias das cidades. É o contexto em que os sindicatos se fortaleciam na retomada da ação grevista e já apontavam para a luta política de enfrentamento à ditadura. Era a realidade que forjava a liderança de Luís Inácio Lula da Silva, a partir do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

Nos anos 1980, a formação sindical estava inserida num cenário de intensificação das reflexões sobre as práticas educativas, para além do mundo sindical. Entre elas a Concepção Dialética da Educação Popular, do Grupo Alforja com Oscar Jara e, no Brasil, com o próprio CEPIS, o Instituto Cajamar e a Metodologia da *Práxis*, com Marcos Arruda no PACS (Instituto Políticas Alternativas para o Cone Sul).

Pelas décadas de 1980 e 1990, Frei Betto atuará no CEPIS e na Pastoral Operária do ABC (conhecida por PO), com apoio de dom Cláudio Hummes, então bispo de Santo André, ao mesmo tempo em que ganhava o mundo como teólogo e assessor pastoral. Participa da criação do PT, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Central de Movimentos Populares (CMP). Além da amizade cada dia maior com Lula, Frei Betto conhece e passa a conviver com militantes da PO, como Toninha Carrara, Zé Albino e Vicentinho, que seria presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, da CUT e posterior-

mente, eleito deputado federal.

Os depoimentos destes companheiros e companheira contam das atividades desenvolvidas à época, como a semana do trabalhador, a visita aos bairros em que moravam os operários, a sustentação do fundo de greve, a missa do trabalhador no Primeiro de Maio... Toninha recorda da primeira missa, em 1979, celebrada no paço municipal de São Bernardo, com a participação de Vinícius de Moraes, que leu seu poema “O operário em construção”. O documentário mostra imagens dessa histórica celebração.

Vicentinho recorda o curso de oratória realizado por Frei Betto, a pedido de Lula, com os membros da diretoria então recém-eleita para o sindicato dos metalúrgicos. Frei Betto utilizou técnicas que havia aprendido ao ingressar na ordem dos Dominicanos, cujo carisma é a pregação. Curiosamente, os cursos de oratória (atualmente chamados de “comunicação e expressão”) ainda são dos mais procurados por sindicalistas.

Ocorre uma significativa alteração na concepção e nas referências da formação sindical ao longo da virada do século XX para o XXI no Brasil. Nesses anos, que consolidaram a inserção do País à nova ordem neoliberal global, a formação sindical foi essencialmente atrelada a financiamentos governamentais que tinham como projeto político apenas a requalificação profissional dos trabalhadores, para moldá-los às exigências de locais de trabalho (fábricas, escritórios, comércio...) que se reconfiguravam aceleradamente pela reestruturação produtiva e gerencial.

Ou seja, eram processos formativos atrelados à concepção neoliberal dos governos FHC e Lula, notadamente até 2005. Muitas entidades sindicais de trabalhadores assumiram como concepção de formação o adestramento dos trabalhadores aos ditames de um capitalismo dependente que perdia a indústria como centro dinâmico e deslocava para o setor de serviços as oportunidades de ocupação, cada vez mais precarizadas, surgidas por essa nova onda de modernização conservadora de padrões de consumo (internet, celular, aplicativos, algoritmos etc.).

Os principais programas de formação sindical entre 1995 e 2010 são, de fato, processos de capacitação para moldar dirigentes sindicais e seus assessores à negociação em limites estreitos de pequenas compensações aos trabalhadores diante da avalanche de novas e flexibilizadas formas de uso da força de trabalho pelo capital. Com a chegada de Lula à Presidência da República, em 2003, isso foi largamente aplicado na gestão de políticas públicas, circunscrevendo às ações focalizadas e de nenhum alcance estrutural, a atuação de conselhos e conferências de caráter consultivo, com pouca efetividade sobre a concepção das políticas públicas e absolutamente nenhuma incidência sobre os rumos decisivos dos governos, notadamente a política econômica. A definição dos rumos estratégicos do País seguiu restrita ao pequeno comitê de grandes corporações, muitas das quais estrangeiras, e não obedeciam nem mesmo

às regras das boas práticas de diálogo social e concessões de contrapartidas, tão caras ao *marketing* da capacitação sindical dos anos 1990 e 2000.

Talvez por esse contexto, o documentário não avança na trajetória de Frei Betto junto ao movimento sindical após a década de 1980. Há então, a apresentação de sua atuação em âmbito internacional, especialmente na Nicarágua, após a Revolução Sandinista de 1979 e, sobretudo, em Cuba.

O depoimento de Mónica Baltodano, historiadora nicaraguense e ex-líder sandinista, conta da visita de Frei Betto, junto com Lula, à Nicarágua, em julho de 1980, para as comemorações do primeiro aniversário da revolução. Nessa visita, Frei Betto estaria pela primeira vez com Fidel e esse encontro foi decisivo para sua chegada a Cuba.

Esther Peres, historiadora e educadora popular cubana, recorda que Frei Betto começou a visitar Cuba exatamente no período em que as organizações revolucionárias passavam por processo de intensa participação e autocrítica pela sociedade cubana, inclusive de metodologia do trabalho de base. Frei Betto leva para Cuba cartilhas que eram elaboradas no CEPIS, com base nos princípios político-pedagógicos da Educação Popular de Paulo Freire, e essas serão a base para o que Esther chama de “cubanização da Educação Popular”, que seria realizado especialmente pela equipe de educadores do Centro Memorial Dr. Martin Luther King Jr, fundado em 1987, como conta no filme o educador Joel Suárez, coordenador do centro.

Passados quase quarenta anos, hoje o centro Martin Luther King atua como equipe de Educação Popular no Plano de Soberania Alimentar e Educação Nutricional, criado em 2020 pelo governo cubano e apoiado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), Oxfam e União Europeia. O programa, inspirado no desenho original do Fome Zero, é conhecido como *PlanSan*, e busca reduzir significativamente a importação de alimentos por Cuba, incrementando a produção local de alimentos, valorizando a agricultura familiar e as hortas urbanas, além de realizar ampla campanha de educação nutricional, na metodologia da Educação Popular, em todo o país. Nos últimos quatro anos Frei Betto tem dedicado intenso trabalho em Cuba atuando no *PlanSan*, para o qual inclusive escreveu cartilhas e subsídios.

O centro Martin Luther King também tem atuado na formação de dirigentes do Partido Comunista Cubano, numa sinalização de que, finalmente, Paulo Freire e a Educação Popular são referências relevantes para a educação política revolucionária em Cuba. O documentário mostra uma oficina de Educação Popular para a “alta cúpula do governo cubano”, com a participação do presidente Miguel Díaz-Canel. Frei Betto fala em espanhol com seu típico sotaque mineiro-cubano: “*hay que partir de la gente. La gente sabe pero muchas veces no sabe que sabe*”.

No Brasil, em 2003, a proposta original do programa Fome Zero, concebi-

da em sua dimensão formativa e de mobilização social por Frei Betto, estabelecia um programa de combate às causas estruturais da fome e da miséria, incluindo a realização da Reforma Agrária e a criação de processo formativo em âmbito nacional para a educação cidadã das pessoas cadastradas no programa de transferência de renda, que depois viria a ser o Bolsa Família. Frei Betto também previu a estruturação de comitês locais nos municípios, integrados por membros de movimentos sociais, pastorais, igrejas, sindicatos, para controlar esse cadastro e, também, apoiar a formação cidadã.

Como Frei Betto detalha em dois livros⁸ escritos nos anos seguintes ao seu trabalho como assessor especial da Presidência da República para a mobilização social, que durou até dezembro de 2004, a força eleitoreira do Bolsa Família e a estratégia de concentrar nas prefeituras o controle dos cadastros das famílias beneficiárias foram decisivos para que Lula seguisse a opinião de José Dirceu, então poderoso ministro-chefe da Casa Civil, e de Luís Gushiken, chefe da secretaria de comunicação da Presidência, e tirasse de cena o Fome Zero e suas estratégias de transformação estrutural da realidade de desigualdade e formação política popular.

Já em sua parte final, o documentário aborda o ocaso do Fome Zero, que havia reunido educadores do CEPIS e de diferentes coletivos de Educação Popular do país. A semente plantada por Frei Betto seria mantida na equipe da Rede de Educação Cidadã, que chegou a organizar quase mil educadores populares atuando em todos os estados brasileiros, e que legou a retomada da Educação Popular freireana em outros espaços do governo, como a secretaria nacional de economia solidária, coordenada pelo professor Paul Singer, além de importante trabalho de base com Educação Popular, embora em pequena escala diante do desafio nacional⁹. No início do terceiro mandato presidencial, Frei Betto conseguiu diretamente com Lula a criação de uma Diretoria de Educação Popular, subordinada à Secretaria Nacional de Participação Social da Secretaria-geral da Presidência. Pedro Pontual foi indicado por Frei Betto para a função. Pouco foi feito desde então, até agora.

O documentário ainda apresenta breve depoimento de José Dirceu, gravado após todas as turbulências que viveu nos últimos vinte anos. Dirceu afirma que “Frei Betto tinha razão”, referindo-se ao Fome Zero, e conclui haver algo errado no atual governo Lula “na relação com o povo”. Em seguida, Guilherme Boulos¹⁰ conta de seu primeiro encontro com Frei Betto e o espanto que sentiu ao conhecer a simplicidade de seu quarto no convento dos Dominicanos, no

8 *A mosca azul*, de 2006, e *Calendário do poder*, de 2007, ambos editados pela Rocco.

9 Publicações que sistematizam parte do trabalho de base realizado pela Rede de Educação Cidadã podem ser acessadas neste site: <https://recid.redelivre.org.br/>

10 Boulos é um dos 33 parlamentares que destinaram emendas para o financiamento do documentário, através do Fundo Nacional da Cultura, do Ministério da Cultura do governo federal. A lista desses apoiadores é apresentada nos créditos finais do filme.

bairro das Perdizes. Em anos recentes, Frei Betto assessorou o Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST) na atualização de seu processo formativo para militantes e foi apoiador entusiasmado da candidatura de Boulos à presidência da República em 2018.

A cabeça pensa onde os pés pisam, frase de Frei Betto, talvez seja o critério mais radical para a autocrítica da *práxis* de um educador popular e de militantes sociais em geral. O belo documentário sobre a Educação Popular na trajetória de Frei Betto, mostra a urgência de reencontrar a esperança e a radicalidade da *práxis* libertadora, ao evidenciar uma referência profética para a ação social que vise a emancipação humana – a humanização do mundo. É um excelente subsídio para ser utilizado em processos formativos sindicais, trazendo singular síntese da história recente de organização popular no Brasil.